

A VIAGEM ATÉ A BIC EM PARIS

Eu tinha planejado a viagem e avisado Chanel de que chegaria a Paris dali a três semanas.

Fora essa única informação compartilhada, ela se manteve discreta e reservada, uma francesa típica. Não perguntou mais nada.

A data da minha partida seguia uma lógica muito precisa.

Eu ia receber a minha aposentadoria mensal de 351 euros e, com esse dinheiro, poderia partir. A verdadeira questão não era se eu podia ir, mas como.

Liguei para um amigo meu que dirigia caminhões em rotas internacionais com regularidade, e combinamos que ele me daria uma carona.

Antes de aceitar, porém, eu precisava saber o que ele estava transportando. Se a carreta estivesse carregada de gado, eu teria de aguentar o cheiro.

A Mãe Gillette nunca foi flexível com os filhos num ponto: o problema nunca está dentro da mente; ele só existe nas ações que criam soluções.

Para a hospedagem, eu tinha encontrado um quarto compartilhado logo na saída da cidade. Custava doze euros por dia.

O lugar ficava perto da estação final da linha do metrô, e o transporte até a cidade custaria apenas três euros por dia.

Minha estadia não passaria de três dias, não por escolha, mas por planejamento.

Quando o meu amigo caminhoneiro terminasse a entrega em Bruxelas, eu já estaria pronto para a viagem de volta, e dessa vez não me preocuparia com o que ele estivesse carregando.

O dia da partida finalmente chegou.

Às duas da manhã, minha mulher perguntou aonde eu ia.

Ela me viu ali parado, com uma mala de rodinhas, vestido com roupas comuns.

Eu disse a ela que tinham me dado a oportunidade de participar de uma reunião de trabalho, embora eu não fizesse ideia de que função poderiam me oferecer.

Eu imaginava que, dadas as minhas qualificações, o cargo mais alto disponível seria provavelmente o de ajudante de depósito.

Eu não escolheria nada. Simplesmente aceitaria, se gostasse.

Eugenio tinha estacionado o caminhão na entrada da estrada que leva à minha casa.

Assim que cheguei até ele, minha primeira preocupação foi descobrir o que ele estava transportando.

Você não vai acreditar. A carreta levava plástico destinado à BIC Belgium, onde seria usado para fabricar canetas.

Hahahaha.

Durante a viagem de trinta e duas horas de Reggio Calabria a Paris, paramos apenas em postos de serviço na estrada para abastecer, comer e ir ao banheiro.

Enquanto isso, Eugenio não parava de trocar os documentos do tacógrafo. A cada troca, aparecia na papelada o nome de um motorista diferente. Era sempre Eugenio ao volante. Mas o sistema registrava seis motoristas diferentes.

Só isso já bastava para entender que eu estava dentro de um sistema que não funcionava direito, e que aquela era a única solução que as pessoas tinham encontrado para reduzir custos.

Por fim, chegamos aos arredores de Paris.

Eugenio me deixou perto de uma estação de metrô, a mesma que eu teria de reencontrar na hora de voltar para casa.

Ele me perguntou aonde eu ia.

Respondi: “Vou encontrar umas mulheres.”

Ele olhou para mim e disse: “O poder do sexo.”

Ferdinando